

TODOS OS SONHOS DO MUNDO

um filme de Laurence Ferreira Barbosa

com Paméla Constantino Ramos, Rosa da Costa, António Torres Lima, Lola Vieira

Tous les Rêves du monde | Portugal, França, 2017 | 108 min | M/12



Entrevista à realizadora

Uma espécie de delicada melodia (com banda sonora de Noiserv), um filme sobre uma jovem luso descendente e a comunidade portuguesa em França. Falámos com a realizadora Laurence Ferreira Barbosa, autora, entre outros, de *As Pessoas Normais Não Têm Nada de Especial* e *Detesto o Amor*.

Medeia Magazine: De onde vem o teu desejo de fazer este filme e quanto tempo trabalhaste nele?

Laurence Ferreira Barbosa: Há alguns anos, disse a mim mesma que a comunidade portuguesa em França não estava ou estava muito pouco representada nos filmes de ficção (depois houve *A Gaiola Dourada*). Tive vontade de fazer qualquer coisa a partir dessa constatação, sem dúvida porque tenho também uma ligação a Portugal e porque estava num período da minha vida em que estava desejosa de explorar a minha relação com Portugal. Tenho um apelido português que vem do meu avô paterno, emigrado em França desde muito jovem, e que também faleceu muito cedo. Sei muito pouco sobre ele.

Na altura tinha pensado optar pelo documentário e comecei a investigar. Mas o tema era muito vasto e não sabia qual a direcção a tomar. Depois, pouco a pouco, o desejo de ficção impôs-se, e decidi fazer o retrato de uma rapariga, filha de emigrantes portugueses em França. O meu trabalho de pesquisa e de escrita durou cinco anos.

MM: É ao mesmo tempo uma espécie de romance de iniciação?

LFB: De facto, o filme conta a história de uma rapariga que se emancipa, à sua maneira, quase sem o saber. É, portanto, uma forma de narrativa iniciática. E a narrativa iniciática é sem dúvida o tema que me é mais caro.

MM: Em França, na maior parte do tempo, as personagens estão em espaços fechados, e em Portugal têm grandes espaços naturais. O país que oprimia as pessoas e que as obrigou a emigrar é ao mesmo tempo o lugar onde se sentem mais livres?

LFB: Confesso que nunca vi o filme sob esse prisma. As últimas gerações a emigrar partiram mais por razões económicas. Os meus personagens não conheceram a ditadura. Em França, filmei os subúrbios parisienses, uma paisagem urbana, onde vivem muitos emigrantes portugueses. Em Portugal, filmei a aldeia nas montanhas do norte de Portugal, de onde veio a maioria dos emigrantes.

De um lado uma paisagem urbana e do outro, uma paisagem rural, radicalmente opostas. Os subúrbios cinzentos e tristes e o campo belo e luminoso. De um lado a vida quotidiana nos subúrbios de Paris, do outro as férias no país de origem dos pais. Dois momentos muito diferentes, duas formas de viver.

Paméla, a personagem principal, diz que em Portugal se sente bem, esquece-se de todas as suas preocupações e sente-se igual aos outros. Mas é uma espécie de parênteses na sua vida, é o período de férias em que nos sentimos mais livres, despreocupados, uma espécie de bolha exterior ao tempo, um espaço de sonho. Quando as férias acabam, isso significa também o regresso ao real.

A conquista de uma certa liberdade por Paméla começa na primeira parte em França, confirma-se em Portugal, e completa-se na última parte, no regresso a França.

MM: Todos ou quase todos os actores são não profissionais. Porque é que os escolheste e o que é que te trouxeram de inesperado ao filme?

LFB: Para mim, era evidente desde o início que só podia fazer este filme com actores não profissionais. De outro modo, ter-se-ia perdido algo de essencial, uma verdade. Precisava que as pessoas que iam interpretar os personagens tivessem uma vivência, um físico, um sotaque, uma forma de estar, de falar, de pensar, próximas dos personagens. Sem dúvida porque me inspirei neles, sobretudo em Paméla.

O próprio facto de ter mantido o seu nome é uma forma de reconhecer que adoptei muitos dos traços do seu carácter, da sua personalidade. Foram sobretudo as suas contradições que me seduziram. Aquela mistura de submissão e de resistência, a sua falta de confiança em si própria e a sua obstinação em fazer aquilo que quer, a sua modéstia e o seu orgulho, a sua intransigência e a sua fragilidade, a sua franqueza e a sua discrição, a sua inteligência e a sua candura, a sua solidão e os seus sonhos.

Na origem do meu filme houve um trabalho documental, e esse trabalho permitiu-me enriquecer o filme, conduzi-lo em direcção àquilo que eu queria mostrar, de lhe dar também uma espécie de profundidade, de graça. O que Paméla me trouxe de inesperado é o facto de nunca me ter cansado de filmar o seu rosto, a sua singularidade, o seu mistério.

Medeia Magazine, Out. 2017 [Trad. de Inês Viana]



«Um olhar terno, simples e delicado sobre a idiossincrasia de quem tem o coração e a mente divididos entre duas culturas, sempre em busca de uma identidade interior.

Todos os Sonhos do Mundo acompanha essa turbulência íntima na personagem de Paméla, uma jovem descendente de emigrantes portugueses, que regressa a Portugal para mais umas férias de verão na paisagem rural do país.

É a partir da sua vivência pessoal, do que vai mudando em volta, e do que permanece como frágeis sonhos dentro dela, que entramos agradavelmente nesta experiência genuína. Debutante, a protagonista, Paméla Constantino Ramos ilumina o grande ecrã com a sua doçura.»

Inês N. Lourenço, *Diário de Notícias*

«O regresso da realizadora à ficção com *Todos os Sonhos do Mundo* mostra uma verdadeira delicadeza tanto na escrita como na interpretação (a jovem heroína Paméla Ramos é notável).»

Cahiers du Cinéma

«Laurence Ferreira Barbosa talvez assinie aqui o seu melhor filme, trata-se de filmar as grandes decisões do primeiro dia do resto das nossas vidas sem deixar passar uma marca de adolescência à flor da pele.

Um filme dedicado a todos os que sonham e que vai dar uma imagem justa e verdadeira dos nossos emigrantes em França. E, melhor de tudo, é feito com o coração nas mãos.

A música de Noiserv tem o pedigree de onirismo que a encomenda pedia.»

Rui Pedro Tendinha, *Diário de Notícias*

«Um retrato delicado de uma jovem à procura da sua identidade e personalidade, e um mergulho no meio de uma comunidade portuguesa livre de clichés. Portugal é aqui filmado como nunca. Magnífico.»

L'Express ★★★★★

«Laurence Ferreira Barbosa assina um belo filme, simples e radiante, oferecendo ao cinema o rosto de uma jovem atriz muito promissora (Paméla Ramos).»

Positif ★★★★★

«Um olhar delicado e sensível sobre a relação que uma adolescente estabelece com Portugal, país de origem dos seus pais.

Inteligente, sensível e inspirado.»

Les Inrockuptibles ★★★★★

A experiência do espectador vai aumentando o seu grau de felicidade, e plano após plano, sequência após sequência, situação após situação, cada um de nós gosta cada vez mais de Paméla, acha-a cada vez mais bela e interessante. A sua evolução, a sua construção, são também as de quem vê aquilo que Laurence Ferreira Barbosa filma tão bem.

Jean-Michel Frodon, *Slater*